

CONJUNTURA

As origens do atraso brasileiro

A renda per capita chegará a US\$ 12,4 mil, nível da Suíça em 1955. A industrialização tardia e o baixo investimento estão entre as causas

» CRISTIANE BONFANTI

O Brasil deve fechar o ano com uma renda per capita de US\$ 12,4 mil, um aumento de 15% em relação a 2010. Esses números podem ser motivo de comemoração, mas demonstram um enorme descompasso entre o crescimento nacional e o das grandes economias do mundo. O país só alcançou agora o nível de produção de riqueza por habitante atingido pela Suíça em 1955. A Dinamarca e a Holanda chegaram ao atual patamar brasileiro em 1965 e 1968, respectivamente.

Estatísticas reunidas pelo economista inglês Angus Maddison, falecido no ano passado, remontam a mais de 2 mil anos e revelam o longo caminho que o Brasil deve percorrer se quiser crescer e, ao mesmo tempo, diminuir as desigualdades sociais. Os números mostram que, em 1600, o Brasil tinha uma renda per capita de US\$ 428, maior que a dos Estados Unidos, de US\$ 400. Hoje, quatro séculos depois, os norte-americanos sustentam um índice de US\$ 47.283, mais de quatro vezes o brasileiro.

Na visão de especialistas, a origem do atraso brasileiro está na colonização. Enquanto os Estados Unidos e o Canadá foram colônias de povoamento — os colonizadores querem morar na terra e promovem o seu desenvolvimento —, o Brasil foi de exploração. À época, nenhuma atividade produtiva nacional poderia competir com as da metrópole ou prejudicar os seus interesses comerciais. “Nos EUA, um

grupo de pessoas apostou na construção da sociedade. Aqui, a sociedade apostou viver de renda, da exploração de recursos naturais e do comércio de escravos”, resume Cristina Helena Pinto de Mello, professora de macroeconomia da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

Ela explica que, por mais que os dados de Maddison possam ter alguma imprecisão devido às dificuldades de cálculo, a situação do Brasil era, de fato, semelhante à de países que se tornaram potência. “Houve toda uma diferença cultural que se manifestou, inclusive, na atuação dos governos. Ao longo da história, o trabalho não foi tão valorizado no país, mas sim o ganho fácil. Boa parte dos problemas que a gente enfrenta hoje decorrem de o Estado não ter investido na educação e na formação de uma mão de obra capaz de pensar soluções e empreender”, analisa.

O economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, concorda. “Tivemos décadas perdidas devido, principalmente, à falta de investimento em educação. E, se você olha a desigualdade social,

o atraso é ainda pior”, ressalta. Neri cita o exemplo da Coreia do Sul. Assolado pela guerra nos anos 1950, o país apostou alto na educação e deu a volta por cima. Desde 1980, sua renda per capita saltou de US\$ 1,6 mil para US\$ 20,1 mil. “A Coreia tinha renda menor que a nossa em 1960 e hoje é rica”, diz.

Mas os gargalos enfrentados pelos brasileiros não estão apenas na falta de investimento em

educação. Para o economista José Oreiro, da UnB, a industrialização tardia é uma das principais explicações para o atraso. Vivida a partir de 1930, com Getúlio Vargas, ela mudou toda a trajetória do Brasil, mas foi feita muito depois que a de países como Inglaterra e Estados Unidos. “Nos EUA, a industrialização ocorreu em 1860. Aqui, sete décadas depois”, ressalta Oreiro. A seu ver, outra explicação para o Brasil ter ficado tão distante dos líderes foi o período de semiestagnação vivido entre 1980 e 2005. “Vivemos a crise externa e o período de hiperinflação. Decretamos moratória em 1982 e tivemos uma série de planos econômicos perdidos. Isso se reproduziu até aqui.”

Colonização

O professor observa que, por ter enfrentado o mesmo tipo de colonização, a maioria dos países da América Latina compartilha os problemas do Brasil. De fato, pelos dados do economista inglês, a renda per capita do Peru cresceu 653,8% — de US\$ 686 em 1900 para os atuais US\$ 5.171. Na mesma comparação, a da Argentina aumentou 231,6%, de US\$ 2.756 para US\$ 9.138. Enquanto isso, a Áustria viu a sua geração de riqueza por habitante saltar de US\$ 2.882 para US\$ 44.986, num avanço de 1.460%. Na Holanda, os valores subiram 1.277,7%. “Só depois do Ciclo do Café (1800-1930), o Brasil passou a ter um capital nacional e a dar os primeiros passos para a industrialização”, ressalta Oreiro.

Ricardo Madeira, professor de economia da Universidade de

São Paulo, destaca os atrasos nas reformas institucionais. “Países que, à época de sua formação, se preocuparam mais com as liberdades políticas e a garantia do direito de propriedade tiveram uma performance melhor. Aqui, tivemos também vários golpes e mudanças de regime. Não se adotou um paradigma institucional que se aperfeiçoou ao longo do tempo”, afirma. Cristina

Helena Pinto de Mello observa que a situação do Brasil poderia ser pior. “Não podemos criminalizar o país pela atual realidade. Por diversas vezes, o Estado teve papel importante. Nossa renda hoje não é comparada à dos países da África porque o nosso governo agiu para mudar esse desenho”, destaca.

Nas mãos

Relegado a posições distantes das grandes potências econômicas ao longo da história, o Brasil, agora, tem tudo nas mãos para crescer e ser alçado ao seleto grupo das nações mais ricas e industrializadas. Com dois terços dos habitantes em idade produtiva (entre 15 e 64 anos), o país está no chamado bônus demográfico — fenômeno definido pela força de trabalho maior que o número de pessoas economicamente dependentes — e precisa aproveitar o momento. “Nos últimos três anos, depois da crise de 2008, o Brasil está crescendo mais que o mundo. Olhando para o espelho retrovisor, ficamos para trás. Mas esta, sem dúvida, deve ser a década da América Latina”, afirma Marcelo Neri.

Relatório recente da consultoria PwC concluiu que a crise deu um novo rumo para a economia global. Conforme o estudo, o Produto Interno Bruto (PIB) das sete economias emergentes (China, Índia, Brasil, Rússia, México, Indonésia e Turquia) pode ultrapassar o do G-7 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá) antes de 2020.

Entre a variada lista de itens que afetam a competitividade do Brasil está a distribuição de renda. "Nesse quesito, o poço é mais fundo do que parece. O que não podemos fazer agora é achar que chegamos a algum lugar, sendo que estamos muito atrasados", avalia Neri. José Oreiro aponta ainda gargalos como a infraestrutura das estradas, portos e aeroportos e a geração de energia elétrica, além da elevada carga tributária. "Precisamos simplificar a estrutura dos impostos para melhorar as nossas exportações. Temos também o problema dos juros e do câmbio que se arrasta há mais de 20 anos", diz.



Houve toda uma diferença cultural que se manifestou, inclusive, na atuação dos governos. Ao longo da história, o trabalho não foi tão valorizado no país, mas sim o ganho fácil"

Cristina Helena Pinto de Mello,
economista da ESPM



Nos EUA, a industrialização ocorreu em 1860. Aqui, sete décadas depois"

José Oreiro,
economista da UnB

Veja quando a atual renda per capita do Brasil, de US\$ 10.816*, foi alcançada por outros países



Renda per capita por país ao longo da história (US\$)

País	1000	1500	1600	700	1820	1900	1929	1960	1980	2000	2010*	2011*
Estados Unidos	400	400	400	527	1.257	4.091	6.899	13.281	8.577	28.467	47.283	48.665
Brasil	400	428	459	646	678	1.137	2.335	5.195	5.532	10.816	12.422	
China	466	600	600	600	600	545	562	662	1.061	3.421	4.362	4.833
Holanda	425	761	1.381	2.130	1.838	3.424	5.689	8.267	14.705	22.161	47.172	49.949
Reino Unido	400	714	974	1.250	1.706	4.492	5.503	8.645	12.931	20.353	36.119	39.459
Suíça	410	632	750	890	1.090	3.833	6.332	12.457	18.779	22.475	67.245	75.835
Áustria	425	707	837	993	1.218	2.882	3.699	6.519	13.759	20.691	44.986	48.350
França	425	727	841	910	1.135	2.876	4.710	7.398	14.766	20.422	41.018	43.490
Argentina	-	-	-	-	-	2.756	4.167	5.559	8.206	8.581	9.138	11.168
México	400	425	454	568	759	1.366	1.757	3.155	6.320	7.275	9.565	10.637
Peru	-	-	-	-	-	686	1.908	2.969	4.263	3.817	5.171	5.593

* Dado projetado

Fontes: www.ggdc.com e FMI

